

SESSÕES DO PLENÁRIO

1ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 5 de fevereiro de 2020.

PRESIDENTE: DEPUTADA FÁTIMA NUNES LULA (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem a XI Caminhada da Pedra de Xangô, proposta pela presidência da Comissão Especial da Promoção da Igualdade e pelo deputado Jacó Lula da Silva.

Desejamos bom dia a todos e a todas, e a Xangô.

Convido, para compor a Mesa, o deputado Jacó (palmas) que, posteriormente, conduzirá os trabalhos; o coordenador de Política para Povos e Comunidades Tradicionais, Sr. Cláudio Rodrigues (palmas), neste ato, representando o governo do estado da Bahia; a ebomi Nice (palmas), do Terreiro da Casa Branca. Ebomi é o cargo, e Nice é o nome da pessoa, muito conhecida de todos nós.

Convido, ainda, para compor a Mesa, a Sr.^a Organizadora da Caminhada do Povo de Santo do Subúrbio, Mãe Jacira (pausa); o professor da rede estadual de ensino, Sr. Mazé (palmas); o ex-deputado e atual superintendente de Políticas Territoriais e Reforma Agrária, Sr. Yulo Oiticica (palmas); e o Sr. Superintendente de Assuntos Parlamentares da ALBA, o ex-deputado Bira Corôa.

Já, de antemão, agradeço à coordenação dos nossos dois mandatos, do mandato da deputada Fátima Nunes Lula, que ora vos fala, e do mandato do deputado Jacó. Agradeço a todos os assessores em nome do companheiro Roque que organizou, ajudou e trabalhou diariamente para tudo, hoje, acontecer na beleza do que se encontra neste momento.

Vamos ouvir o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Convidamos, também, para fazer parte da Mesa, o representante da Frente Makota Valdina, Sr. Eduardo Machado. (Palmas)

De agora em diante, a coordenação dos trabalhos passará às mãos do deputado Jacó Lula da Silva. Já aproveito o momento para solicitar a indicação do meu nome para o uso da palavra.

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Bom dia a todos.

Gostaria de dizer, também, da minha alegria e da satisfação por estar ao lado da deputada Fátima Nunes a promover esta sessão especial.

Sem muitas delongas, passo a palavra à deputada Fátima Nunes.

A Sr.^a FÁTIMA NUNES LULA: Saúdo o Sr. Presidente destes trabalhos, autor da proposição para a realização desta sessão especial e, também, autor deste convite a todos e a todas para promover, durante esta manhã, esta homenagem à Pedra do Xangô.

Mas esta Pedra existe, porque existe um povo que cultua, cultiva e sabe dos valores e dos sentimentos que são carregados e levados até ali, em homenagem aos homens e às mulheres que, ao longo da história deste país, deste país marcado pela injustiça, pela desigualdade, pelo sequestro de homens e mulheres negras oriundos de países africanos. Esses foram trazidos para este país, a fim de serem mão de obra para o lucro de muitos. Naturalmente, ao longo da história, esses homens e essas mulheres se rebelaram, construíram os seus agrupamentos de luta, cultuaram os seus santos, as suas formas de viver em seu país de origem através da sua fé.

Portanto, o dia de hoje traz toda esta homenagem a esta luta e aos valores que estes homens e estas mulheres carregam no seu dia a dia e transbordam para a sociedade brasileira.

Seria muito bom se, ao chegarmos ao ano de 2019, conforme alguns registros da história de 519 anos desta invasão, a gente pudesse ter uma sociedade onde cultivasse e cultuasse o respeito, o amor ao próximo, os valores humanos, porque, afinal de contas, todos nós somos, tendo fé ou não, filhos de uma natureza, de um pai, de um amor que transcendeu gerações por gerações para que nós estivéssemos aqui. O amor de Deus, nas suas mais diversas formas que cada um acredita e valoriza, faz com que estejamos aqui. Queremos, sim, seguir com vida longa e vida saudável por muitos e muitos anos.

Portanto, era muito bom que, ao chegar nesta data, depois de 519 anos, a gente não precisasse mais estar todos os dias, nesta Casa, chamando a atenção, reclamando com órgãos públicos, buscando, com os membros da sociedade, um sentimento que deve nascer no coração de cada um como o respeito, o entendimento e a valorização. Mas, lamentavelmente, alguns ainda insistem em se manter ao contrário. Parece que, agora, se tornou pior nesta cultura da separação ao incitar o ódio, a violência e a humilhação.

Celebrar, aqui, hoje, é dizer isso: basta de racismo, basta de discriminação, basta de desrespeito, basta de violência, porque o que nós queremos é uma sociedade justa, de amor ao próximo e de paz!

Com essas palavras, eu quero parabenizar cada um e cada uma e, ao mesmo tempo, agradecer aos que vieram durante esta manhã, pois ouviram os convites do companheiro Roque e da mãe Iara, que está a caminho, para a gente poder transbordar desta Casa Parlamentar e esparramar pela Bahia inteira este sentimento de amor, respeito, cidadania e democracia.

Quero dizer não ao fascismo que se instala neste país, dividindo cada vez mais e criando dificuldades para as pessoas viverem.

Queremos vida digna, vida justa e vida com respeito!

Parabéns a todos aqueles que não se intimidam, que não se acomodam e que estão, no dia a dia, fazendo acontecer por liberdade e por justiça.

Iremos, sempre, estar juntos com vocês.

Muito obrigada! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado a deputada Fátima Nunes.
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Eu queria, inicialmente, também, deputada Fátima Nunes e todos os convidados, dizer, realmente, da nossa alegria e da nossa satisfação em estar realizando esta audiência pública e ter a presença de vocês. Trazer vocês, para esta Casa, neste dia e neste ano, é uma alegria especial.

Para esta Casa, isso é um motivo de muita alegria e mostra, exatamente, a força que a democracia, na Bahia, reina e reina nesta Casa, porque cada deputado tem o seu mandato para trazer para esta Casa a sua representação e a sua pauta com respeito à diversidade e sem intolerância. Para nós, isso é um motivo de muita alegria. E, com certeza, para esta Casa, isso é uma alegria enorme.

Deputada Fátima Nunes, tendo em vista o que nós passamos, aqui, na última sexta-feira, ter hoje Xangô abrindo esta Casa na primeira audiência pública do ano de Xangô, no dia de Xangô, vocês não sabem da alegria que nos toma o coração por ter vocês, hoje, celebrando e ressaltando a importância da Pedra de Xangô.

A deputada Fátima Nunes fez a abertura e vou deixá-la falar nos finalmentes.

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Convido, para se pronunciar, o militante da Coordenação Nacional de Entidades Negras, Roque Peixoto. (Palmas)

O Sr. ROQUE PEIXOTO: Boa tarde a todas e a todos.

Peço a bênção aos mais velhos e às mais velhas, peço a bênção aos mais novos e às mais novas.

Estar, hoje, deputado Jacó, deputada Fátima, ainda, finalizando, também, a função de assessor parlamentar do deputado estadual Jacó e tendo sido solicitado por diversos setores do povo de santo para esta Casa dar uma atenção especial ao altar sagrado que é a Pedra de Xangô, eu me sinto muito à vontade para quebrar o protocolo.

E, deputada Fátima, em nome de Deus, eu acho que a primeira coisa que, no ano do orixá da justiça, no dia do orixá da justiça, é necessário fazer justiça, deixar à vontade que eu sempre tive de chegar neste púlpito e dizer: “Está bom. Que se mantenha a Bíblia para quem quiser. Mas a gente gostaria de ver, ali, ao lado da Bíblia, também, o símbolo de Exu e de Oxalá nesta Casa, o que abre e o que fecha.” (Palmas)

Dando continuidade, esta sessão foi pensada pelos dois deputados, pela deputada Fátima e pelo deputado Jacó, pelo seguinte. Todos nós que conhecemos a história da ainda então chamada Pedra do Buraco do Tatu, quando nós, gurizinhos que éramos de outros bairros, íamos para Cajazeiras escondidos de pai, de mãe e de tia, a gente descia pelo fundo do fim de linha da Fazenda Grande 1, fim de linha da Fazenda Grande 2 ou, então, descia por onde é conhecido como o Pico dos Vermes para ir para aquele riozinho que passava embaixo da pedra. A brincadeira era mergulhar embaixo daquela pedra para sair do outro lado. Esse caminho antigamente era feito por negros e negras escravizados para poder se aquilombarem onde é conhecido naquele entorno, como o

Quilombo do Urubu, que começa em Pirajá e termina lá no Cassange praticamente, porque os territórios quilombolas são para além das fronteiras dos bairros e das cidades.

Quando fomos chamados para poder dar essa atenção para a Pedra de Xangô e para chamar atenção, sobretudo, do governo do estado diante de empreendimentos de habitação de interesse social que querem implantar ali a gente fica preocupado. Desde 2004 que estão tentando implodir aquela Pedra, quando não é por implosão são quilos de sal, quando não são quilos de sal, são pichações.

Ora, por que contextualizar? Por que estar aqui para contextualizar esta sessão especial? É porque se a gente não compreender que muitas coisas se dão no espaço político e que não tem lugar melhor e maior para a gente fazer política do que os nossos terreiros. Olha como a gente negocia com os mais velhos, olha como a gente negocia com aquele: “Ô senhor, é o senhor que vai hoje lá pegar folha? Ô irmão é o senhor ou a senhora que vai varrer hoje o terreiro?” As negociações que a gente faz com as práticas dentro das nossas casas não são nada mais, nada menos do que política.

Então, a gente foi durante muito tempo vilipendiado, pessoas tentando falar em nosso nome, pessoas dizendo que o povo do axé, os povos de terreiro não necessitavam, não precisavam estar na política, ledor engano, a gente tem aqui Lindinalva de Paula, Lindinalva Barbosa, às quais eu agradeço muito por terem me orientado quando eu só tinha 11 anos em uma reunião no MNU e, por isso, estou aqui vivo hoje e sou militante.

Quero agradecer a ebomi Nice que está ali na Mesa, pedir a sua benção e saudando todo mundo da Mesa, por ter sido essa referência para mim todas as vezes que eu ia na Casa Branca com minha vó Margarida e com a minha tia Jô Guimarães. Quero agradecer a mãe Jacira por toda essa luta que a gente vê no subúrbio, sempre esquecido, e a senhora mobilizando todo o povo daquele subúrbio. E no nome dessas pessoas saudar a todos e todas aqui, meus irmãos e irmãs, meus mais velhos, meus mais novos, meus iguais, para que a gente atente para o seguinte: é necessário que nós todas e todos nos unamos não só em prol do altar sagrado do nosso pai Xangô, mas em prol da nossa religião, em prol da nossa prática religiosa, porque os tempos estão muito nefastos.

Este presidente que está aí colocado, que nos odeia, que nos enxerga como gado, porque só pesa nosso povo a partir da roupa e dá risada e acha graça disso. A presença dele na presidência da República fez com que os racistas, os intolerantes, colocassem a suas caras de fora, antes eles se escondiam na internet. Hoje eles vêm, na porta da nossa casa e nos xingam e nos vilipendiam. Então, é dessa forma nos chamando para poder dizer: até Oxalá foi à guerra no ano da justiça, no ano do Orixá Xangô e em nome do altar sagrado que é a pedra de Xangô, nos unamos para que o nosso povo possa florescer, para que o nosso povo possa resistir.

Axé, e que Xangô nos abençoe.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Eu queria antes da mística e da Mesa dos Ogans eu queria convidar para a Mesa a Sr.^a Coordenadora do Centro de Culturas Populares e Identitárias, Cassi Coutinho, que neste ato representa a secretária de

Cultura, Arany Santana, o Sr. Adolfo Neto, que neste ato representa o secretário do Meio Ambiente, João Carlos Oliveira; a Sr.^a Carla Nogueira, representante do secretário de Educação, Jerônimo Rodrigues e o Sr. Assessor Especial Rafael Dantas, que neste ato representa o secretário de Turismo, Fausto Franco. (Palmas)

Agradeço a presença de todas essas representações de todas as secretarias, não é, deputada? Que mandaram as suas representações institucionais para esta audiência que para nós é de suma importância.

Então, agora tem a mística dos ogans.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito bom, muito obrigado! Energia extremamente positiva. Xangô nos abençoe.

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Convido babá Farodê para se pronunciar.

Antes do pronunciamento, eu queria chamar a Sr.^a Organizadora da Caminhada da Pedra de Xangô e dirigente da Associação de Terreiros de Cajazeiras, Pássaro das Águas, mãe Iara de Oxum. (Palmas)

A Sr.^a MÃE IARA DE OXUM: Bom dia. Primeiro, tomar a bênção a Olorum, ao nosso grande criador, tomar a bênção aos nossos ancestrais, tomar a bênção aos nossos orixás, tomar a bênção aos meus mais velhos, tomar a bênção aos meus mais novos. Agradecer a todos que estão aqui em nome de Xangô.

Sou mãe Iara de Oxum, resistente, mulher negra, e hoje estou ocupando este espaço em nome da preservação da nossa ancestralidade, da Pedra de Xangô, que já foi homenageada na Câmara de Vereadores e hoje está sendo homenageada aqui, na Assembleia.

Agradecer à deputada Fátima Nunes e ao deputado Jacó por este momento especial, mágico para nós, povo de santo, povo de terreiro. Ocupando espaços e não devemos deixar de ocupar. Gratidão por todos que aqui estão e aqueles que não puderam estar por ser dia de semana, por estarem no trabalho.

Falar da Pedra de Xangô é falar de 2009, na Escola Renan Baleeiro, onde meu querido Mazé e meu grande deputado estadual na época Bira Coroa, nos acompanharam quando se estava fazendo o primeiro fórum. Gratidão meu querido, gratidão.

Em 2009 aconteceu o fórum na Escola Renan Baleeiro, onde estava presente mãe Rita de Ogum. A gente foi buscar pessoas de terreiro para fazer parte desse fórum, e dali nós organizamos, mãe Branca de Xangô, outras e outras instituições que vão ser homenageadas aqui pelo deputado e deputada. A gente se reuniu lá no terreiro... Gildásio, Valdo, me perdoem por eu não citar nomes, porque a gente participou dessa reunião toda lá no terreiro, e a gente resolveu, em memória de mãe Zil, que colocou que Xangô estava me chamando para gritar o nome dele, porque até então era a Pedra da Onça, Buraco do Tatu, Pedra do Ramalho, e nós fizemos jogos de Ifá e vimos que o grande rei daquele altar era Xangô.

E a gente fez a primeira caminhada, nos organizamos em 2009. Em 2010 fomos para a rua gritar, porque queriam implodir para fazer o projeto Minha Casa Minha Vida, e graças a Deus e a Xangó não aconteceu isso. E hoje estamos indo para a 11ª caminhada da Pedra de Xangó. Eu estou nervosa, viu Jacó? Estou nervosa, mãe estou nervosa, não tenho muita habilidade com microfone, não sou artista, sou zeladora, sei prepara malá, sei preparar acaçá, essa situação.

Acho que todas as pessoas que vão ser homenageadas hoje são pessoas que estavam comigo no começo. Não fiz essa caminhada sozinha, foi em conjunto, foi o povo de terreiro, foi Deilton, Noélia, meus filhos... (a oradora se pronuncia em língua afro) foram vocês. Este momento aqui não é mãe Iara, é nós, é nós, é nós mãe Maisa, é nós mãe Jaci, que fazemos a Caminhada do Remas lá no Subúrbio. Este momento para vocês, deputados, é normal, mas para a gente povo de santo é ocupar mais um espaço, é a Pedra de Xangô. Não tenho mais palavras e acho que todos que vão falar aqui vão falar muito mais do que eu, porque estavam no começo comigo, estavam na construção.

De antemão eu gostaria de agradecer ao Ilê Tominc Ôxé Iôio, que fazemos Osé, naquele domingo, no dia 2, e todos os momentos, aqueles ratos, aquelas sujeiras todas, vocês não tiveram medo de meter a mão e limparam. Tanto morotó, tanto rato, sariguê que passou... (a oradora se pronuncia em língua afro) e não pegaram vocês. Fé, o que me posiciona aqui é fé. Não foi sorte, foi trabalho e fé. Ontem eu passei muito mal na correria da Caminhada da Pedra de Xangó, para conseguir as coisas da caminhada. Roque me ligando, porque alguém queria me dar a faixa. Eu disse: “Meu filho, minha coluna está doendo, tenho 53 anos, começa a debilitação, muito estresse.”

Eu gostaria só de agradecer ao universo por este momento.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaria de passar a palavra ao professor Mazé da rede estadual de ensino.

O Sr. MAZÉ DA REDE: Bom dia a todos e a todas, benção aos mais velhos, benção aos mais novos, meus respeitos a todos e para todos nós, principalmente para mãe Iara. Árvore que não dá fruto ninguém joga pedra. E uma outra coisa, chorar é possível, é necessário. Lembro-me de minha infância que diziam que chorar era coisa de afeminado, que homem que é homem não chora. Se por acaso eu vier a chorar aqui... Há 11 anos que venho chorando de emoção!

E mais ainda, para provar para vocês que são 11 anos de luta daquilo que eu conheço para cá.

Tem algumas pessoas que estão achando que é brincadeira o que nós estamos fazendo, têm pessoas que não estão respeitando a pessoa da ialorixá Mãe Iara de Oxum, têm pessoas que tão duvidando do que ela faz, não para a mídia, mas com os seus filhos, com os seus irmãos, com seus compatriotas, com seus parceiros. É uma luta de 11 anos e dessa eu posso falar.

No Colégio Estadual Renan Baleeiro, onde sou lotado há 20 anos, para tentarmos combater a intolerância religiosa e outras coisas mais, nossos estudantes que precisavam se retirar para fazer o santo, fazer o orixá eram repreendidos, eram proibidos de sair. E eu levantei a bandeira lá na minha escola para essa possibilidade: “Você pode ir que eu garanto a sua ida e a sua volta.”

Porque algumas religiões têm que sexta-feira não trabalha, sábado não trabalha e por que nós temos que nos escravizar, ou nos escravizarem, não permitir? Não permitirei! Estou aqui garantindo esta possibilidade para qualquer estudante, que ele tenha conhecimento de que pode, sim, se retirar para as suas obrigações e retornar que não será punido, não pode ser punido.

Por que eu falo isso? Porque a partir desse momento, dessa consciência, dessa luta, professora Carla, representando o governo do estado... é muita honra a sua presença aqui para você saber quem é o professor Rosemário, que vocês estão se referindo como professor Mazé, que se tornou professor Mazé no Colégio Estadual Renan Baleeiro e que chegou até aqui, nessa 11ª Caminhada.

Também não posso esquecer do professor Elias Malaquias, que Deus o tenha em bom lugar, porque ele no período da nossa... A emoção está grande, está que delícia! Ele também nos garantiu fazer o 1º Fórum Povo de Santo. Está certo? Ele era o diretor da escola, juntamente com a professora Aidê. Nós nos reunimos, e o meu projeto, que começou em 2001, de formiguinha, que era defender e acolher nossos meninos e meninas foi um projeto de conhecer o povo de santo de Águas Claras e Cajazeiras.

Foi um projeto simples, muito bom e aprovado pela Universidade de Brasília – UnB. Tiramos nota máxima, eu com o meu grupo de estudantes. Daí em diante me empoderei mais ainda. Nós ousamos e, com o diretor da época, nós chegamos até o 1º Fórum Povo de Santo Cajazeiras/Águas Claras. Nos reunimos.

É, Pai Valdo, realmente fica difícil chamar o nome de todo o mundo por causa do tempo. Está certo? Mas Mãe Caçuter, Mãe de Alá, Valdo... Nada, nada, uns 25 líderes.

E foi, mais ou menos, na 1ª Caminhada, com mais ou menos 25 a 30 pessoas que nós fizemos a nossa primeira caminhada. E continuamos. Hoje, nós temos 5 mil pessoas, temos vários representantes, mas é uma luta construída por nós.

Aí, para encerrar a minha fala, porque o tempo é curto, lembro-me que em 2015 eu fiz um poema, “Bela Pedra no Caminho”, a Pedra de Xangô, em homenagem, exatamente, a essas pessoas todas que se envolveram, que nos ajudaram a construir e que nos ajudam a construir o dia a dia da nossa africanidade.

Eu lembro muito bem que nós sempre colocamos flores ao redor da pedra.

Não vou ler tudo, não, porque não dá tempo. Quem quiser ver, depois eu passo.

“Aqueles flores na pedra indicam celebrações de vitórias.

As flores na pedra fortalecem a nossa história,

*História de negros e negras, verdadeiras histórias
de força e glórias reveladas nas lutas e conquistas
estavam guardadas em nossas memórias.*

*As flores na pedra anunciam protesto contra mazelas,
querelas, preconceitos...à grande luta por direitos.*

*As flores na pedra reclamam atenção,
fazer jus... justiça. "Kaô kabecile! (Palmas)*

Agradeço a todos.

E não esqueçam: se disserem um dia que nós não somos nada, se isso aqui é nada, então seremos nada, não é? Nada somado com muita coisa que nós somos. O nosso silêncio também é protesto, está certo? Então, zeladores e zeladoras, tem alguns segredos que não devem ser revelados não, viu? Por favor, não vamos expor também os nossos fundamentos. Essa é uma reclamação minha, uma necessidade que eu tenho. Tem coisas que a gente precisa guardar, porque são exatamente esses segredos, Mãe Nice, que nos permitem estar aqui. O.K.?

A benção a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Obrigada, professor Mazé, grande lição.

E, agora, convido para fazer uso da palavra o Superintendente de Assuntos Legislativos da Alba, o deputado Bira Corôa. (Palmas) E olha que quem é deputado, sempre é deputado. Com mandato ou sem mandato, Bira Corôa está sempre na luta. Isso é uma grandeza. Parabéns, deputado.

O Sr. BIRA CORÔA: A benção aos mais velhos, às mais velhas, aos mais novos. Bom dia a todos e todas.

Eu peço licença a toda a Mesa para saudar, ou nominar não toda a Mesa, pelo tempo, mas peço licença para saudar, inicialmente, aqueles que nos imbuíram de forças, de coragem, de fé e de disposição de luta, que são os nossos orixás, inkissis, vudus que, sem dúvida alguma, nos permitiram atravessar séculos enfrentando dificuldades, muitas vezes doando a própria vida, tendo a matéria como instrumento do processo de construção, de edificação e de formação de pilares de sustentação para chegarmos ao dia de hoje.

Então, eu peço licença a toda a Mesa para essa referência.

E saudar toda a Mesa nas pessoas dos dois deputados, deputada Fátima Nunes e deputado Jacó. E dizer, Fátima e Jacó, o quanto é gratificante, o quanto é significativo, e por que não dizer simbólico, para esta Casa ter uma sessão como esta, uma sessão que registra nos Anais desta Casa um marco importante para a nossa identidade e para a nossa própria existência.

Agradecer e saudar todo o povo de santo aqui representado nas pessoas de Mãe Iara, de Mãe Nice, ebomi Nice, e de Mãe Jacira.

Dizer o quanto significa para todos os brasileiros, especialmente para os baianos, a presença do candomblé. Eu sempre digo que duas instituições foram fundamentais

para resistirmos e chegarmos aonde estamos, que foram o candomblé e a capoeira. E, hora, estamos aqui com a sessão especial em referência à Pedra de Xangô.

Quero saudar os educadores aqui presentes, todos os representantes das diversas secretarias do estado da Bahia. O quanto é importante a gente ter a presença do estado não apenas como figura decorativa, ou como figurante, mas como protagonista na construção da nossa história, da história que nos permite ser parte dela e não, simplesmente, sermos esquecidos ou colocados no processo de anonimato.

Quero saudar também um companheiro que durante muito tempo nesta Casa, posso até dizer que um pouco antes desta Casa, me inspirou em um processo de luta pela justiça, pelos direitos humanos e, acima de tudo, pela afirmação da democracia, nosso sempre deputado Yulo Oiticica. (Palmas)

Dizer, Yulo, que na condição de vereador em Camaçari, você já deputado nesta Casa, a gente trocava figurinhas, muitas vezes só no pensamento, porque a sua atuação nesta Casa me permitia copiar e impor no Parlamento municipal de Camaçari as mesmas atuações. E ao chegar aqui tive o privilégio de dividir com você várias frentes de luta pela afirmação do nosso povo e pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Mas não vou me alongar mais do que isso.

Quero dizer que a Pedra de Xangô, Mãe Iara, ela não representa apenas um símbolo do candomblé. Ela é um marco de uma luta histórica do nosso povo, que ainda não findou, de uma guerra que ainda precisamos por fim, que é a guerra da liberdade, da conquista do direito do acesso e, acima de tudo, do respeito.

Não estou falando de intolerância, ou de tolerância, porque não nos satisfaz apenas ser tolerados. Que nos permite e nos contempla é sermos incluídos, sermos respeitados e termos acesso. Não queremos ser mais, mas também não nos permitimos ser menos do que quem quer que seja. Na condição de luta histórica, de afirmação do nosso povo negro e do direito de cultuar as nossas religiões nós não permitimos sermos tratados com complacência, ou muito menos ainda com tolerância.

Por isso é que é importante que lá, no Renan Baleeiro, colega professor, quando abrimos a discussão sobre a importância de agregar todos os terreiros daquela imensa região e construir um processo de enfrentamento, a Pedra voltou a ser um grande símbolo. E olhe que ela retoma a sua origem, porque todos nós conhecemos a história da Pedra de Xangô, como aqui foi muito bem colocado, com os diversos codinomes que ela exerceu ao longo da sua história.

Mas ela foi o principal portal da liberdade. Ela era a pedra por onde homens e mulheres que não se permitiam estar na condição de escravizados, que não aceitavam naquele momento as discriminações, o desrespeito e a condição de invisibilidade que a sociedade impunha, passava por ela, pelo rio que aqui já foi citado, construindo um novo processo,...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) construindo um processo de resistência e, acima de tudo, os quilombos que afloraram nesta nossa cidade de Salvador e que ainda hoje estão enfrentando contexto de discriminações e de desrespeito na nossa própria sociedade.

Por isso que é importante estar nesta Casa no dia de hoje. É não apenas uma homenagem, mas um registro para os Anais e para a história do Legislativo baiano. A Pedra de Xangô não é um pedaço de rocha. A Pedra de Xangô não é, para a sociedade baiana e para a afirmação do nosso povo, um marco que pode ser desprezado.

E é por isso que aqui encerro, com os agradecimentos a todos e todas, na pessoa de Mãe Iara, que vêm construindo esse processo de resistência que tem permitido os avanços e as conquistas que já foram obtidas.

Mas também deixo aqui o registro de um grande repúdio àqueles que num contexto de intolerância e de desrespeito ainda insistem em implementar programas e projetos habitacionais visando lucros e àqueles que por distorções e desvio social, por desrespeito ou por má-formação e ignorância ainda insistem em fazer o enfrentamento religioso, construindo uma guerra, uma guerra que nós podíamos chamar de guerra santa, achando que vai mudar ou vai quebrar a capacidade de resistência do nosso pai Xangô e do nosso povo de santo, lá lançando sal, água benta ou qualquer outra forma de tentar enfrentar esse poder de resistência e essa força que emana como uma energia de luta da Pedra de Xangô.

Em nome dessa resistência, o que eu quero dizer é que estamos na luta, estamos frente a um processo de transformação, muito bem colocado, no momento talvez mais duro da história política, social e econômica do Brasil, quando um presidente desajustado, inconsequente e irresponsável insiste em cultivar o ódio, insiste em fazer os enfrentamentos, retirando direitos conquistados pela sociedade civil organizada, e nos tem, negros, negras, nordestinos, povo de santo, como os principais inimigos desse processo.

E é por isso que a Pedra de Xangô tem uma outra tarefa, que é a de nos manter unidos, de nos manter fortes, de nos permitir olhar para ela e dizer: é mais um dia de luta, irmão, mais um dia de luta, irmã, mas é mais um dia em que nós, acreditando no Xangô, rumamos e caminhamos pela vitória.

(Palmas e rufar dos tambores.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado, deputado Bira.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Vamos agora à mística da Mesa dos Ogans.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Registramos as presenças de outros, outras lideranças políticas, amigos, companheiros lutadores, autoridades que estão aqui presentes: Gilmar Mendes Góes, capitão bombeiro militar da PM Bahia, Corpo de Bombeiros; Wilson, do Sinposba, da Coalizão Marcha da Consciência Negra; Joselito Pinheiro, articulador da Cenatrab; Cristiano Lima, coordenador estadual, Coordenação

Nacional de Entidades Negras (Conen); Valdemir Cruz Dalton, Associação dos Moradores de Narandiba; Ana Cláudia Santos Gonçalves, diretora da Reparação Racial de Alagoinhas. (Palmas)

(O deputado Jacó Lula da Silva assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Itamar Santos Carvalho, coordenador da Reparação Racial, Secretaria Municipal de Assistência Social de Alagoinhas; equede Gil, Ilê Axé Oiá Toginã; Taísa Paula, iaô do Terreiro Ilê Alabaxé; Valmir França, assessor técnico da Sepromi; Naira Gomes, Marcha do Empoderamento Crespo, Ilê Axé Torrun Gunan; babalorixá Fabiano, do Ilê Axé Ebu Ilê Omina Ozuô; Paulo José do Sacramento, membro do Conselho da Igualdade Racial de Lauro de Freitas; Ana Gualberto, coordenadora de Ações com Comunidades Negras Tradicionais, Koinonia.

(Intervenção fora do microfone)

Koinonia! Koinonia! Issooo! Isso aí!

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaria agora, com muito prazer, com muita alegria, de passar a palavra para mãe ebomi Nice, ialorixá da Casa Branca. Com a palavra a Sr.^a Ebomi Nice.

A Sr.^a NICE DE OYÁ: Primeiro, eu quero pedir agô a toda a minha ancestralidade, quero pedir agô... (A oradora se pronuncia em língua afro.) Que me permita dizer duas palavrinhas em nome de Xangô. Eu, como filha de Xangô, uma ebomi xangô, estou aqui emocionada, muito emocionada (A oradora se emociona.), porque falar em Xangô não é tão fácil, porque é o homem da justiça, o homem do amor. E o amor hoje em dia... está tão difícil se chegar a ele, mas eu tenho fé, muita fé, neste homem, Xangô. Com o machado dele, o amor neste mundo há de voltar, há de reinar para sempre, para que nós possamos vencer, porque com o amor se vence tudo, sem o amor não se vence nada.

Então, neste amor de Xangô, nesta gratidão dele, que ele ore por todos nós, os que estão aqui e os que não estão também, para nos dar força para crescer neste amor, para que esse amor ilumine a nossa religião, que seja uma religião com mais respeito, com mais consideração, com mais gratidão, com mais serenidade para que todos vejam que nós podemos ser poucos, mas nós somos muitos, porque a nossa fé é muito grande.

Então é nesta fé que eu quero pedir a este Pai, ao misericordioso Pai, que nos dê forças, misericórdia, para que nós possamos lutar e dizer: “Nós já vencemos!”. E venceremos sempre porque o amor vai trazer o amor que nós vivemos no princípio. Não é, meu irmão? Nós vamos chegar lá e vamos chegar! E já chegamos! Não vamos ter medo, não! Agora vamos nos unir, dar um ombro amigo para enxugar as lágrimas, e não fazer chorar, porque a gente tem que dizer que esta religião é a primeira, no mundo, que nasceu. Essa religião é que sustenta um bocado de pessoas que vai ao Candomblé, que chega lá dentro, que vai comer! Esta é a religião que dá mais comida! Porém não vamos deixar que abaixemos a cabeça, porque enquanto existir Xangô (A oradora se pronuncia em língua afro.). Enquanto existir esse orixá, nós já vencemos e sempre venceremos.

Eu peço a ele que ilumine todos nós que estamos aqui e os que não estão também.

(Procede-se à cantoria.)

Que a justiça de Xangô esteja sempre ao nosso lado, à nossa frente, ao nosso favor.

Meus irmãos, a emoção é grande, eu gostaria de falar muito mais, mas me faltam palavras para agradecer a todos que estão aqui. Eu disse: estamos, somos muito pouco, mas muito com o amor, muito com a gratidão, muito com a fé, muito com o respeito, muito com aquele amor de mãe, aquele amor de irmã, aquele amor de equede. Por isso é que a equede... A gente chama a equede, toma a benção, minha mãe equede, é ela que eu chamo porque é ela que na hora em que nós estamos sentados lá dentro, todos sabem o que estou dizendo (A oradora se emociona.), é ela que vem para enxugar as nossas lágrimas, ela que vem para nos dar amor, ela que vem para nos sustentar. Vamos ter mais respeito também à equede. Não é só a gente que dá santo, não, a equede também. Eu estou... não desfazendo de outras pessoas, mas eu estou com duas equedes que sempre me dão carinho e que me dão conforto de vim para a mãe receber.

Então, minha mãe, eu tomo a benção a vocês duas e a todas as equedes que estão aqui para que tenham essa força para nos dar, porque é muito fácil dizer “equede”, é fácil, mas a equede é a nossa mãe, é aquela mulher que vem para enxugar as lágrimas da gente.

Então que Xangô... (A oradora se pronuncia em língua afro.). Que Xangô dê amor a vocês. Dê amor, dê saúde, dê vida, dê alegria, que a alegria dele seja sempre transmitida para seus filhos, para todos, porque a alegria de Xangô é uma alegria que é indiscutível, o amor dele. Por isso que Xangô é amor das coroas, e que essa coroa nos abençoe sempre, sempre, sempre.

A você, minha filha, que dizem que você é a mãe de Xangô, tenha esse prazer de carregar esse otá, que eu não chamo de “pedra. Eu não chamo de “pedra”. Perdoem-me as minhas palavras, eu não chamo de “pedra”, eu chamo de “otá”! Que esse otá nos proteja, nos abençoe, nos abençoe, nos abençoe.

Obrigada por tudo, obrigada por essas palmas e que vocês todos sejam abençoados, continuem... Vamos à luta porque a luta é nossa, nós já vencemos. Que essa vitória de Xangô nos acompanhe. Eu sou uma mãe de Xangô, sou mãe de Xangô, mas sou mulher de Iansã. Então, sou mulher duas vezes, né? De Xangô e de Iansã.

Tudo de felicidade, obrigada a todos, obrigada. Que a alegria do nosso pai reine no nosso ori, que nos abençoe e nos proteja. Um bom-dia, uma boa-tarde, e que saiamos daqui com a vitória de Xangô na mão, no sorriso, no poder, na alegria de Xangô.

A bênção, minhas mães, não tem só uma aqui, tem várias aqui. Minha mãe, abençoa, minha mãe! E a bênção também.

Vamos saudar esse grande pai, esse Xangô, que é tão amoroso como o altar dele, que brilha sem se ver, sem se enxergar, mas brilha, que brilhe os nossos caminhos.

Obrigado por tudo, eu estou aqui emocionada por estar representando a Casa Branca, mas não só a Casa Branca, também a Boa Morte. Eu, sem demagogia, sou a única de Salvador que faz parte da Boa Morte!

Adupé por tudo! Adupé! (A oradora se pronuncia em língua afro.)

Que o milho branco de Oxalá, que Oxum está falando, que o milho branco e o alá dele nos cubra, nos proteja. A bênção e muito obrigado.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Eu queria agradecer as palavras da ebomi Nice, a bênção, fiquei muito emocionado. Isso mostra exatamente a força do altar de Xangô, a força desse povo que sempre, na história do Brasil e da Bahia, que a gente precisa reescrever, é feita com muita luta, muita resistência, muita rebelião. E com certeza, esta sessão especial aqui é um momento de muita luta e de muita resistência.

Eu agradeço, e muito, com certeza, à deputada Fátima Nunes, a todos vocês, por abrimos este ano com esta sessão especial aqui. Xangô, que com certeza é o homem da justiça, que esta Casa possa ser cada vez mais justa, exatamente com aqueles e aquelas que mais precisam.

Queria saudar Evilasio Bouças, tata Nkodiamambo, representando o Conselho Municipal das Comunidades Negras de Salvador; queria saudar Alan Oliveira, ogã do Voz do Axé; queria saudar Heloísa Lima e Lucas Sotero, coordenadora e coordenador da Rede Jovem de Candomblé (Orooni).

Queria agora passar a palavra ao nosso convidado, o superintendente de Políticas Territoriais e Reforma Agrária, o ex-deputado Yulo Oiticica.

O Sr. YULO OITICICA: Bom dia a todos e a todas. Nada fácil falar depois de mãe Nice, que nem precisou se levantar para demonstrar a grandeza extraordinária que tem diante do povo da Bahia, porque esta é uma sessão que, se não tem todo o povo aqui, certamente ao alcance dele está esta sessão.

Eu tenho muita sorte, porque sou católico, apostólico, baiano, portanto, Oxóssi é quem abre os meus caminhos. E esse é o resultado da Diáspora, que concentrou na Bahia e fez dela uma terra santa de homens e mulheres, de santos, encantos e axés.

E é exatamente por isso, deputada Fátima, deputado Jacó que vocês tiveram uma capacidade de compreender a subjetividade da fé, mãe e irmã que você acaba de nos retratar. Essa subjetividade que poucos compreendem, por isso não entendem de Xangô, porque ainda não entendem justiça.

Eu estava do lado de Eduardo e estou do lado de Eduardo, e estava com uma caneta que não tinha tinta, eu tentava tirar dela tinta para escrever. Eu não vi que ele do meu lado estava com uma caneta, mas ele viu que eu estava sem e me emprestou a dele. Esse olhar de justiça poucos ainda tem, porque a presença de Xangô não está no ato extraordinário, midiático, mas na simplicidade da comida, do abraço, do enxugar a lágrima.

É por isso que Jacó tem muita sorte, porque ele é devoto e filho de Santana, que vem do sertão da Bahia e agora como deputado tem a oportunidade de beber na sabedoria do povo de santo, tem a oportunidade de beber e experimentar o que são as religiões de matriz africana. E nós somos resultado do que vivemos, do que fazem conosco, muitas vezes.

E a primeira vez que fui ao Opó Afonjá foi com um padre, Heitor Frisotti, italiano que muitos conhecem dessa luta. E dentro da literatura vasta do Padre Heitor, ele dizia algo que desagradava a alguns, sobretudo aqueles que usam mitra, que estar no terreiro o ajudava na sua evangelização.

Portanto, ser baiano, ser baiana é compreender, Bira Corôa, como bem você colocou, que não é de intolerância que nós estamos falando. Nós estamos falando de respeito e sábios são aqueles, mãe Nice, que percebem que é na diferença que nós nos encontramos, que a diferença é que nos faz iguais e filhos de uma só raça que é a raça humana.

Eu não tenho nenhuma dúvida de que não foi por acaso esta Casa abrir, professor, esta primeira sessão, porque esta Casa precisa mais de Xangô, de menos hipocrisia e de mais justiça, de menos discurso e de mais prática, de menos mídia e de mais convicção.

E por mais rico que seja do Salmo 91, ele estampado ali não nos basta. Nós precisamos sim, que o povo que trabalha nesta Casa e que se propõe a construir dias melhores para o povo da Bahia, conheça Xangô; saiba o que representa Nanã no comando dos orixás; saiba o que significa a bravura de Oxóssi; saiba a beleza, a riqueza e a resistência de um povo, que não escravo, mas escravizado, saiu da sua terra para fazer desta terra uma terra santa e não uma terra da *apartheid* como ainda é hoje, e não uma terra da injustiça como ainda é hoje.

Dizia e nós repetíamos, Nelson Mandela: “que o impossível é impossível até que alguém vá e faça”. O que o povo de santo, o que os homens e mulheres que vivem a sua fé no terreiro, sempre fizeram: fazer o impossível, porque todos nós sabemos o quanto foi difícil fazer com que essa religião ainda fosse viva, e que estivesse cada dia mais presente.

Por isso, esta sessão não é qualquer coisa. Ela é muito especial e eu acho, deputado Jacó, deputada Fátima, que o governo do estado e temos aqui vários representantes dele, deputado Bira Coroa, tem que fazer com que nós, de uma vez por todas, possamos fazer o que o município fará, que é garantir com que o tombamento aconteça imediatamente. (Palmas)

Nós não podemos aceitar que o governo do estado não faça isso, e faça, mãe Iara, não como favor e nem como obrigação, mas faça como algo natural que já deveria ter sido feito há algum tempo. Nós não podemos viver a apreensão de uma possível explosão ou uma ocupação de nenhuma empresa imobiliária que, de forma cínica, muitas vezes ainda nos diz que vai demolir, tirar, destruir. Porque não se brinca com o que é sagrado e nós estamos falando do sagrado.

Por isso, deputado Jacó, eu proponho que V. Ex.^{as}, que são um deputado e uma deputada, tirem como iniciativa desta sessão, uma manifestação ao governador, que isso aconteça imediatamente. E é claro que o governador Rui Costa será sensível. Mas, se não for, nós aprendemos com os Orixás mais do que com qualquer outro, que nós adoramos uma porta aberta, mas nós temos força suficiente para arrombar qualquer porta.

E se esse monumento sagrado não for imediatamente tombado, como tem que ser, o faremos por ousadia, porque nunca faltou ao povo de santo muita ousadia. E aí, mãe Iara, na 11ª, ou na 12ª, no final da caminhada, e eu estive em todas por isso não perco a oportunidade de me encantar com o Axé, que a próxima, se o estado não o fizer, que a gente coloque uma placa lá, imediatamente.

É fundamental que isso aconteça, porque se ousadia não nos falta, essa história de resistência e convicção, mãe Nice, que nós estamos no caminho e que nós já chegamos porque nem sempre o encontro com o sol é a certeza que chegamos no caminho. Certamente, o amor é que faz com que o sol ilumine o caminho e nos faça caminhar. Não tenham dúvida, que se acham, professor, que não somos nada, só nos serve, não para acreditarmos nisso, mas nos serve para ter certeza que eles não entenderam nada. E o que nós fizemos ainda não foi suficiente. Mas nós temos toda disposição de fazer.

E, se às vezes em alguns momentos, e é inevitável quando a gente ouve mãe, irmã Nice, me permita a ousadia, professor, quando inevitavelmente diante dessas falas o sal molha o nosso sorriso, não é porque nós deixamos de ser homem, é porque nós estamos aprendendo que os machos têm como marca a covardia. E os homens, sobretudo quando deixam seu sorriso ser molhado pelo sal, mostram que têm coragem de ser homens.

Salve os nossos Orixás, salve a nossa sagrada fé! Salve o nosso monumento sagrado! (Palmas)

E que fique mais uma vez o recado: com o sagrado não se brinca, porque nós adoramos brincar, mas sabemos brigar. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Muito obrigado, Deputado Yulo. Nós vamos passar agora – e pedimos desculpas às pessoas que foram convidadas para a Mesa e não vão usar a palavra pelo adiantado da hora e pela dinâmica aqui da Casa – para o momento importante desta sessão especial onde vamos homenagear várias pessoas que dedicam a sua vida em defesa da Pedra e do Altar de Xangô.

Então, eu e a deputada Fátima Nunes, vamos nos deslocar à tribuna e vamos nos revezar chamando as personalidades para que a gente possa entregar ali e fazer os registros, está certo?

(A mãe Iara se manifesta fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Pois não. Tudo bem, mãe Iara. Então a gente passa palavra à mãe Iara para se pronunciar, desculpe, à mãe Jacira.

A Sr.ª JACIRA: Bom dia a todos e a todas. Minha benção a todos e a todas. Não vou dizer mais velhos e mais novos porque é praxe.

Então, eu pedi esse momento de fala porque nós de candomblé não falamos mais “pro mode, pro via”. Então o que é que acontece? A essa Mesa os meus respeitos, mas, hoje, com esse evento aqui esta Casa deveria estar cheia do nosso povo. Sabe por que ela não está? Não é porque ele é preguiçoso e nem queira estar porque é uma

homenagem a Pedra de Xangô, a mãe Iara, não é isso. É porque esta Casa não nos representa, sabe? (Palmas) Esta Casa não nos representa. Quando nós adentramos aqui, o que é que a gente acha? Uma Bíblia que contempla os evangélicos e os católicos. E cadê o nosso que nos represente? (Palmas)

Então aqui, deputado Jacó, deputada Fátima Nunes e tantos outros como meu deputado Bira Corôa que foi, é, para mim sempre vai ser, então eu peço, gente de candomblé, vamos nos levantar e provocar esta Casa, fazer uma moção, um projeto para entregar a esta Casa, um Adjá, um Machado de Xangô, para ali estar também. (Palmas) Quando eu digo que esta Casa não nos representa, não representa o povo de santo.

Então, deputado, nós queremos, também, ser contemplados. Garanto que, no dia que nós formos contemplados em ter um objeto sagrado ali, como um Adjá e um Machado de Xangô, garanto que esta Casa vai ter gente saindo pela culatra. Então, isso é o que a gente quer.

Como disse mãe Stella, o nosso tempo é agora, a gente tem que fazer isso. (Palmas) Como disse a Makota Valdina, nós não queremos que nos tolerem, nós queremos respeito. Então, esta Casa precisa respeitar o povo de santo. (Palmas) Esta Casa tem que ter instrumentos sagrados do nosso povo para que nós nos sintamos representados. E sabe quando é que nós vamos ser mais respeitados? Quando esta Casa tiver deputados, deputadas, da nossa religião que nos representem. (Palmas)

Nós precisamos, povo de santo, gente de candomblé, nas eleições que vêm agora dar a resposta, botar o nosso povo lá, vereadores, prefeito. Fazer o nosso povo negro... a prefeita de Salvador ser uma mulher negra, competente. (Palmas) Nós precisamos tomar vergonha e ser aquele povo como nossos ancestrais. Como a minha mãe de santo quando enfrentou o governo, os delegados, como Pedrito e outros, que adentraram ao terreiro e elas foram para a luta. Não é à toa que nós estamos aqui por causa da nossa ancestralidade.

Gente, deputado, agora, nós queremos, povo de santo, Lindinalva, Odara, Lindinalva Barbosa de Paula, mãe Márcia, e outras tantas lideranças que têm aqui, vamos encaminhar um projeto para esta Casa para nós vermos nosso Adjá e o Machado de Xangô ali. (Palmas) E, se isso não for... não tiver ali, eu não boto meus pés aqui, porque ela não me representa. No dia que eu ver, eu venho. Quero estar aqui, deputado, para lhe dar milhões de beijos, abraços e bênçãos. Tome a nossa causa e, lhe garanto, que aqui vai estar cheio.

Muito Axé e a bênção de Orixá.

(Procede-se à apresentação musical.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Poxa, essa sessão é histórica, muita emoção, muita resistência.

Queria agradecer a Mãe Jacira por suas palavras e, junto com a deputada Fátima Nunes, nos colocamos à inteira disposição. E vai ser com muita alegria que nós vamos

apresentar este projeto aqui nesta Casa e fazer todos os debates necessários. E nos colocamos como instrumento da luta para que a gente possa ter aqui nesta Casa os símbolos do candomblé. Estamos à disposição e estamos juntos nessa caminhada. Essa luta é nossa. (Palmas.)

Gostaria de passar a palavra para Eduardo Machado, representante da Frente Makota Valdina. (Palmas.)

O Sr. EDUARDO MACHADO: Bom dia a todos e todas. Inicialmente a bênção aos meus mais velhos, aos meus iguais. Saúdo a Mesa em nome de ebomi Nice, Iyá Jacira e Iyá Iara de Oxum, essas matriarcas ancestrais que dão continuidade a esse processo de resistência e luta do nosso povo.

Dizer que é uma honra e, ao mesmo tempo, um momento de muita reflexão estar aqui neste espaço, como bem explanou, e o que falar, depois de Mãe Jacira, o que falar depois dessa mulher de Oyá, que vem com os ventos e abre os caminhos, quando é necessário a gente ser respeitado? Porque, como afirmava Makota Valdina, a gente não quer tolerância, a gente não quer só sentar na Mesa, a gente quer falar também, porque falar é existir, absolutamente, para o outro, é fazer incidência política, algo que nós, da Frente, já viemos fazendo com o tempo, justamente por essa falta de respeito. E a importância de falar do Otá, de Xangô, de Nzazi, o Sogbô, a depender da nação que adentramos e que falamos aqui.

Deixe eu me apresentar: eu sou Eduardo Machado, nasci no Candomblé, como Kweijinan, sou Ogan de Oxaguian, o orixá que busca a guerra para conseguir a paz, porque vivemos em momentos trágicos, em momentos de total contradição, e aí é necessário a gente ir para a guerra, a gente incorporar Ogum, incorporar Iansã, incorporar os nossos ancestrais para conseguir a nossa vitória. E a Pedra de Xangô é esse símbolo de resistência e de luta, que desde a sua história, desde o início lá da sua história, nos mostra o quanto é importante para a gente não só cultuar esses espaços sagrados, esses sítios sagrados, mas preservar, exigir do estado a sua função.

E aí a contradição é que o município já tombou esse lugar sagrado, mas o estado, o governo baiano, em suas práticas fraticidas, em suas práticas que dialogam com o genocídio da população negra, ele nos nega o tempo todo, ele nos nega quando ele, em coisas simples... E hoje, aqui, absorvemos muito isso, no falar, não negar o nosso nome, porque, como fala Vilma Reis, a mal assombrada e futura prefeita de Salvador, (palmas), agora é ela, com certeza, a gente tem nome e sobrenome. E a gente nasce no Candomblé, eu nasci como Kweijinan, a gente vê os nossos irmãos aqui, mas vê o traquejo e a dificuldade dos parlamentares e deputados em falar o nome dos nossos templos sagrados, em falar os nossos nomes de nascimento, dentro dos espaços, dentro dos Uzós, dos Egbés, dos terreiros de Candomblé.

Então, esse é o racismo institucional, esse racismo institucional que grita para a gente quando nos negam, quando nos impõem a visibilidade, inclusive na contradição dentro dos espaços que a gente constrói, historicamente encaminhada, dentro, inclusive, dos partidos políticos de esquerda. A gente está vivenciando isso aqui em Salvador, e Xangô, ele é justo, como as Iyás, as mais velhas apontaram, ele é justo e ele tem amor. Mas, neste momento, Xangô, ele está travestido com o vento de Oyá e com a espada e

o pilão de Oxaguianã, ele quer justiça, ele está na busca da justiça e ele não deixa passar em branco uma votação da Previdência como a gente teve na semana passada aqui. (Palmas.).

Que destrói direitos, que impõe para a gente uma linha muito perversa e contraditória de uma caminhada que a gente vem construindo há tempos. E o povo de Candomblé é isso aqui.

A gente sabe o quanto é contraditório para a gente estar num espaço que tem uma cruz pregada no centro e que tem uma Bíblia pregada do outro lado. Eu não vou repetir discurso porque Mãe Jacira, ela já apontou isso perfeitamente, e a Frente Makota Valdina é um espaço que nasce, é uma frente antirracista que nasce para fazer esse combate.

A gente surge lá, em 19 de março, após um insulto racista dentro do espaço do parlamento municipal, o que não é diferente desse aqui, a gente viu a sessão ser aberta em nome de Deus, e Deus a gente conhece como Olorun, como Zâmbi, como Olodumaree, não é?

E, eu repito novamente, respeitar a nossa religião é respeitar a forma ao qual a gente opera com ela, a fala é um símbolo importantíssimo de resistência do nosso povo, assim como as práticas do Candomblé, assim como o toque do atabaque, assim como o toque do ogan.

Então, a gente necessita desse respeito. E esta Casa aqui, ela precisa ter mais traquejo quando fala de Candomblé, quando faz uma homenagem ao altar de Xangô, Nzazi, Sogbô. E, respeitar é ter o mínimo de cuidado, e não só tolerância, mas o respeito em si.

Eu repito a fala da nossa ancestral, que nos permitiu ter a responsabilidade e o peso de dar continuidade a sua luta, que é Makota Valdina, Makota Sibiwanga....

Então, saúdo inclusive Júnior Pacapim, um parente dela que está aqui hoje, nosso irmão e integrante da frente.(Palmas).

Dizer que é uma honra estar aqui enquanto Frente Nacional Dakota Valdina, um espaço de pura resistência. E, como Makota, que agrega, integra, que aquilomba o nosso povo.

Dizer que é muito importante que a gente paute essa homenagem a pedra, ao altar de Xangô, mas que a gente exija para além disso, isso é muito simbólico, todo mundo sabe chorar, todo mundo sabe se emocionar em um microfone, mas a gente quer ver prática.

O que o nosso povo quer, é de fato que as políticas públicas sejam efetivadas, a gente não pode deixar que os nossos sítios naturais, sagrados, como a Pedra de Xangô, como o Parque São Bartolomeu, tanto defendida por nossa Makota Valdina e por todos nós, que somos de Candomblé, porque a gente sabe a importância da folha, a gente sabe a importância da pedra, a gente sabe a importância do fogo, a gente sabe a importância da natureza para a nossa perpetuação. E nós só estamos aqui hoje porque a gente teve ancestrais que lutaram e que, dentro dos espaços sagrados do Candomblé, deram continuidade à nossa identidade, se reinventaram, se reconstruíram, se

reenergizaram para ir à luta, para nos dar, inclusive, essa concepção de povo e ancestral hoje que a gente tem.

Então, para mim é uma honra estar aqui hoje. Mas é importante que neste espaço haja mais respeito. Não necessariamente a gente precisa só do espaço simbólico da fala, o povo negro está cansado de só falar, a gente quer protagonizar as lutas.

E aí, eu repito novamente, a gente está no enfrentamento, um enfrentamento ideológico e político dentro do viés representativo e a gente exige, de fato, que, como a sessão é uma sessão que é protagonizada pela... Eu vou falar do ebó coletivo, é porque eu estou muito nervoso aqui na frente gente, não é fácil está aqui falando, mas a frente já vem realizando ações diretas no combate, tanto na simbologia da rua, ocupando os espaços da rua, mas também, como a mãe Jacira, que é uma exímia representante da Frente Nacional Makota Valdina, pontua: em políticas públicas, a gente não quer só uma bíblia aqui representada. Então, a gente está ocupando esse espaço simbólico da rua e vem realizando ebós coletivos, o que nada mais é que uma referência também a Makota Valdina. Makota Valdina, em suas falas, ela pontuava que não há nada mais forte, não existe ebó maior do que o povo negro unido, o povo negro junto. E a gente leva essa caminhada, esse exemplo de Makota, por meio do ebó coletivo. A gente se junta, se aquilomba, para combater esse racismo, esse feminicídio, esse ódio religioso que tanto nos assombra e nos violenta o tempo todo.

Realizamos o primeiro ebó na Câmara Municipal de Salvador, no dia 15 de abril, se eu não me engano, um ebó contra – não vou falar o nome dela, porque a gente, inclusive, a força desse ebó invizibilizou ela o tanto e o necessário. A gente fez um ebó coletivo, no dia 4 de novembro, contra o navio *Logos Hope*, que, ao vir para cá para Salvador, afirmou que essa cidade, esse território, esse território negro por natureza e ancestral, ele cultuava espíritos e demônios. E a gente sabe muito bem que não cultuamos nem espíritos, nem demônios; cultuamos energias ancestrais, energias sagradas. E nós fizemos o ebó coletivo no Terminal da França.

Dessa vez, no próximo dia 12 – olha a data: 12! Quarta-feira, Kaô Kabecilê, dia do nosso pai Xangô, a gente vai estar aqui, em frente a esta Casa, realizando um ebó coletivo a favor da educação. E nós convocamos todos vocês para que estejam presentes, que venham se aquilombar com a gente a partir das 8 horas da manhã, porque a gente não pode deixar este Estado, este Estado brasileiro, nos violentar do jeito que nos violenta. A gente não pode deixar um governo camuflado, um governo estruturado em caminhadas de povo de axé, em caminhada dos trabalhadores, sucatear a educação, surrupiar um direito nosso por natureza.

Então, contra o sucateamento, a militarização dos espaços escolares, a gente vai estar aqui homenageando Nanã e o fechamento das escolas, justamente. E o último caso foi o Odorico Tavares. E a gente vai realizar esse ebó coletivo, no dia 12, a partir das 8 horas da manhã, aqui em frente à Assembleia Legislativa da Bahia, o título é Salubá Nanã pela Educação, essa ancestral, essa agbá que nos dá tanta força e tanta reverências, como as nossas iyás aqui presentes, que dão continuidade a esta luta, esta luta ancestral.

Então, eu convoco todos vocês. Didê, irmão; kubalamuca, irmã, se levantem e vamos à luta de punho cerrado. Exigir não só tolerância, mas o respeito; porque o nosso povo é ancestral, a Pedra de Xangô, o Altar de Xangô é um símbolo importantíssimo para a gente, como o Parque São Bartolomeu e outras instituições, representações e parques sagrados que devem ter o respeito e que devem ser reverberados em políticas públicas.

Muito obrigado, irmã, que a energia de Xangô nos fortaleça. (Palmas.)

(O orador inicia um cântico e é acompanhado pela plateia.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado pelas palavras.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Gostaria de registrar a presença e, se arrumarem uma cadeira, também gostaria de chamar para a Mesa a deputada Olívia Santana. (Palmas) Veja se arruma um lugar aqui, deputada. Estão providenciando uma cadeira para V. Ex.^a. Por favor, deputada, se faça presente na Mesa.

Uma salva de palmas para a deputada Olívia Santana. (Palmas)

Gostaria de passar a palavra para o representante do governo do estado, Cláudio Rodrigues.

O Sr. CLÁUDIO RODRIGUES: Bom dia a todos e todas! Quero cumprimentar a Mesa em nome da deputada Fátima Nunes, do deputado Jacó e da mãe ebomi Nice.

Trago, de início, os cumprimentos da Dr.^a Fabya Reis. Ela, infelizmente, não pode estar presente em função de outra agenda, mas a minha saudação, a minha fala, é no sentido de nos comprometermos com a caminhada dos povos de comunidades tradicionais, com esse movimento. A secretária sempre auscultou as comunidades tradicionais, sempre atendeu às comunidades tradicionais, e ela pede para expressarmos esse compromisso da Sepromi de estar sempre de portas abertas, acolhendo as comunidades, se comprometendo com as comunidades para que avancemos do ponto de vista do combate ao racismo institucional.

Acho que esta Casa tem um papel muito importante, deputada Fátima, deputada Olívia, deputado Jacó, no sentido de fazer com que se cumpra um dos instrumentos, uma das leis mais avançadas que nós temos neste estado e no Brasil, que é o Estatuto da Igualdade Racial. Esse estatuto tem uma série de orientações e de princípios que orientam o governo do estado a pensar as ações para as comunidades tradicionais, para a população negra. E sabemos que, da forma como está posto e a partir do seu fluxo e da sua burocracia, o racismo institucional não permite que as nossas demandas caibam nos instrumentos das políticas públicas.

Esta Casa tem um papel importante de acompanhar essas ações, de fiscalizar essas ações que têm vinculação específica com o Estatuto da Igualdade Racial para garantir a salvaguarda das nossas comunidades, para garantir que as políticas públicas e os serviços cheguem. Então, esta Casa tem um papel importante. E nós da Sepromi nos colocamos à disposição, como sempre foi na história da Sepromi – está aqui o ex-secretário Raimundo também.

Quando chegamos à Sepromi, no primeiro governo Rui, nós encontramos uma movimentação em torno da Pedra de Xangô, das construções, dos diálogos que estavam sendo feitos. Isso não parou, isso permanece, e esse é um compromisso que a secretária Fabya assume. Nós estamos juntos nessa caminhada. E quero dizer que isso, deputado Jacó... A gente que vem do sertão, a gente sabe como é difícil ocupar esses espaços. Esse espaço tem uma importância muito grande para a população negra por conta desse passo que a gente dá ao combater o racismo institucional.

A gente sabe que o fluxo desses espaços, as tecnologias que são usadas para construir um ofício, para construir um projeto, um edital, uma política pública, para construir seja lá o que for, assim como no governo do estado, são tecnologias muito bem elaboradas porque estão assentadas numa ideologia racista, para manutenção de privilégios na sociedade capitalista, em detrimento de toda desgraça – desculpe a expressão – da população negra. E esta Casa tem esse papel. O Estatuto da Igualdade Racial é uma síntese viva da luta do povo negro das comunidades tradicionais.

Esse é o recado que eu trago. Quero dizer que a secretária Fabya está à disposição, a Sepromi está à disposição nessa caminhada. Nós nos colocamos à disposição, a todo momento, para essa luta.

Muita sorte, muita força, estamos juntos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado, Cláudio.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Já estamos nos encaminhando para a parte das homenagens. Mas, antes disso, gostaria de passar a palavra à nossa querida amiga, deputada estadual Olívia Santana, para uma breve saudação, ou ela que fique à vontade. (Palmas)

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Bom dia a todas e todos.

Quero saudar de uma forma muito especial o deputado Jacó e a deputada Fátima. Fazendo essa referência e reverência pela iniciativa tomada de fazer uma sessão especial com essa magnitude, com essa dimensão de reunir os religiosos do candomblé de diferentes nações, em celebração a algo que é fruto de uma luta, uma luta tenaz por reconhecimento, por respeito, que é a Pedra Sagrada de Xangô.

A Pedra de Xangô é o espaço onde hoje se reúnem diversos segmentos religiosos, não mais apenas de Cajazeiras, mas da Bahia. Em caminhada, em resistência, em defesa de uma pauta de luz, de uma pauta iluminada, que é a pauta do respeito, da convivência decente entre as religiões.

Minha querida ebomi Nice, em seu nome saúdo todas as religiosas que estão aqui, as mulheres que estão aqui e os homens que estão reunidos e investidos, inclusive, das suas indumentárias sagradas. É muito duro, é muito triste que cheguemos a um espaço como a Assembleia Legislativa para dizer que é, de fato, muito triste, em pleno século XXI, que tenhamos que nos reunir não apenas para celebrar, mas sobretudo para resistir. Para dizer que não é possível essa asfixia, não é possível esse contexto tão ruim que está acontecendo no Brasil, agravado pela presença de um presidente da República

que faz loas à intolerância, que pratica a intolerância, mãe Rosa, que tem um discurso que autoriza que práticas de intolerância possam continuar a acontecer. Não basta, deputado Jacó, deputado Yulo, que a Constituição Federal garanta o direito à liberdade religiosa. Não basta que tenhamos o Estatuto Nacional da Igualdade Racial e o Estatuto Estadual da Igualdade Racial, Naira Gomes. É necessário alterar a prática cultural, porque os grilhões do racismo e da intolerância impactam a cultura deste país e impedem essa convivência em igualdade.

É por isso que a Assembleia Legislativa tem, sim, que abrir as suas portas. E não só abrir as suas portas para acolher esse segmento, mas desenvolver nos 63 deputados e deputadas o princípio da igualdade, o princípio da convivência como um elemento legal e não como algo ao sabor das crenças de cada uma ou de cada um. É essa a diferença de ser um agente público, de ser uma pessoa pública, investida do cargo de representar o povo baiano. É porque deste lugar nós não devemos professar nenhuma prática política que inviabilize o direito do outro ou da outra de existir.

Portanto, finalizo aqui a minha fala. Aproveito também para saudar Raimundo e todos os outros e outras que estão aqui, dizendo que momentos como esse se repetirão, ou por iniciativa do deputado Jacó, da deputada Fátima, da deputada Neusa ou por iniciativa do nosso mandato e de outros tantos, porque a resistência será sempre necessária. Tem uma fala que se revelou nesse movimento contra o fascismo, para que o fascismo não predomine em nosso país, que eu considero muito importante. E eu quero terminar a minha fala lembrando esse pensamento erguido pelo movimento social, que diz: “Se ferem a minha existência, serei resistência.” Que bom que o candomblé resiste e atravessou séculos se reafirmando e reinventando humanidades negras subtraídas, roubadas, repartidas.

E hoje, quando as senhoras e os senhores estão aqui, nós também não podemos deixar de lembrar, deputado Jacó e deputada Fátima – que é a presidenta da Comissão da Igualdade –, do espancamento de jovens negros, de ontem e de anteontem. Um menino de 16 anos, negro e gay, brutalmente espancado por quem deveria proteger a sua vida, proteger a sua integridade física. E uma menina, jovem, na Festa de Iemanjá, no Rio Vermelho, também espancada pelo mesmo segmento que deveria proteger sua vida e sua integridade física. Isso significa que, infelizmente, apesar dos séculos que já percorremos, o negro ainda é visto por estruturas de Estado como um segmento a ser combatido e, muitas vezes, eliminado.

A diferença é que agora existe uma telinha que filma, que grava, e que em muitos momentos... Embora as redes sociais, muitas vezes, sejam uma espécie de esgoto onde se depositam coisas horríveis, *fake news*, são também instrumentos onde verdades são reveladas. Como foram reveladas as imagens incontestáveis desses dois fatos de espancamento, que tivemos a tristeza de ver se realizar numa cidade que é a mais negra do Brasil, que é a cidade de Salvador, a capital da Bahia! E isso nos possibilita lutar por justiça.

Essas pessoas que estão aqui não saem de suas casas para provocar outras pessoas. Elas saem das suas casas para dizer: “Não me provoquem. Me respeitem, porque a nossa existência é absolutamente legítima e necessária a um país que é,

irrevogavelmente, marcado pela diversidade. O Brasil nunca será um país branco. Aceitem que dói menos.”

Os negros e negras existem neste país. E por mais que nos matem todos os dias, nós fizemos outra escolha, a escolha de existir, a escolha da vida e da vida investida de direitos.

Com isso, digo: força, resistência, axé, povo de axé! (Palmas) Vocês vão vencer porque nós somos mais fortes do que qualquer segmento intolerante. O bem passará e o mal vai sucumbir.

Um forte abraço. Estamos juntos. E que Iansã mesmo nos proteja, nesta quarta-feira, abra e lave os nossos caminhos.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Obrigado, deputada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Quero agradecer à deputada Olívia. Agora eu também a convido para ficarmos na tribuna e convidarmos as personalidades que vão receber nossa homenagem nesta sessão especial, deputada Olívia.

A primeira personalidade é a ajibonã Bartira.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: A próxima homenageada que vem aqui receber a sua placa é Mãe Kassuté (palmas). Desculpe, desculpe. É Valmir França, porque aqui está misturado, os que vieram... Valmir França. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: A próxima personalidade homenageada é nosso grande militante de todas as lutas, o nosso querido Raimundo Nascimento (palmas), da economia solidária, do povo de axé. Por favor, venha receber a sua homenagem. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó Lula da Silva: A próxima personalidade é pai Gildásio. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: Convidamos agora a próxima personalidade, Naiara Azevedo. (Palmas)

(Intervenção fora do microfone.)

Mãe Maiza. Hoje está danado aqui, viu? (Palmas. Muitas palmas.)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Com muita honra, nós convidamos o pai Valdo para poder receber aqui a sua justa homenagem. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó: A nossa próxima personalidade é Pai Deilton. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: Agora nós vamos entregar a homenagem à nossa querida Ebomi Nice. (Palmas) Nós vamos até lá entregar.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Com muita honra, convido o Sr. Alan Oliveira, para receber aqui a nossa justa homenagem. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó: Gostaria de chamar a próxima personalidade, Naira Gomes. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: Agora, nós vamos convidar a mãe Jacira para receber esta homenagem (palmas), depois da bela aula e proposição que ela deixou aqui. Não foi apenas uma homenagem, mas foi uma indicação de trabalho para continuarmos aqui.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Com muita honra, convido a Sr.^a Bruna da Umbanda, para poder receber aqui a sua homenagem. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó Lula da Silva: A nossa próxima personalidade é a companheira Lindinalva de Paula. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: Convidamos agora Lindinalva Barbosa. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Então, com muita honra, eu convido agora uma pessoa muito especial, não menos especial do que todas as outras homenageadas, mas merece destaque o fato de ele ter sido aqui um grande deputado, defensor do culto afro, defensor do nosso povo, um mandato que foi muito importante também para nossa luta libertária, o nosso querido Bira Corôa. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó Lula da Silva: A nossa próxima personalidade é mãe Márcia. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Márcia: (Fora do microfone) Vou quebrar o protocolo. Não precisa de microfone, porque eu falo alto. Agô mojubá, quero dizer a mãe Iara que a senhora tem muita honra... (inaudível). E não se esqueça que a água pode com tudo. A água desconstrói, a água constrói, a água apaga fogo e enferruja os ferros. (Palmas)

(Oradora assume o microfone.)

Disseram que não podia... Olha, essa moça quebra o protocolo mesmo (risos). De novo, então: mojubá, agô a esta Casa, vida longa com saúde ao projeto dos deputados, mas para mim era importante dizer à mãe Iara que elas continue firme e forte – ela sabe o porquê – e dizer: mãe, a senhora é filha de Oxum, e a água pode com tudo. O meu pai, Ogunjá, foi o ogum que botou os pés na água – a bênção, mãe Nice

–, botou os pés na água e foi para a guerra para ganhar, vencer a guerra para o povo de Ilexá, que é o povo Ijexá, que é pequenininho, mas que faz revolução, e cantou assim:

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

Vida longa com saúde para o povo de axé! Resistência sempre!

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

Vamos eleger o nosso povo: tem mãe Iara, tem Lindinalva, tem Vilma, tem Marleide, tem Ailton. Se nós formos inteligentes, dá para eleger todos. Todo preto no Poder!

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: Convidamos agora a mãe Tâmara Bonfim.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Com muita honra, convido o professor Mazé para ser aqui homenageado. Por favor, junto com todos.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó Lula da Silva: Gostaria de chamar agora a próxima personalidade, o ex-deputado, amigo, companheiro e irmão Yulo Oiticica.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. Jacó Lula da Silva: Gostaria de chamar a próxima personalidade, o companheiro Cláudio Rodrigues.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: Convidamos Junior Pakapym, em homenagem, *in memoriam*, a Makota Valdina Pinto.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Encerrando esta sessão de homenagens, este momento de entregas dessas placas tão importantes, eu recebi aqui dos autores desta sessão, querido deputado Jacó e querida deputada Fátima, essa tarefa, essa responsabilidade de chamar para receber a sua homenagem a nossa grande liderança da grande Caminhada da Pedra de Xangô, a nossa querida mãe Iara. (Palmas. Muitas palmas.)

A Sr.^a Iara de Oxum: Obrigada. Um acarinho imenso por vocês, obrigada.

Agora a gente também vai quebrar o protocolo. Vou chamar Fátima Nunes para também entregar a nossa grande lembrança da Pedra de Xangô.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Graças a Deus, ainda tem pessoas que olham pela gente. A gente, o povo de santo, sempre teve muitas dificuldades para estar nesta Casa. Por isso, Makota Valdina chegou aqui e disse que esta Casa não representava a gente – isso foi no mandato de Bira Corôa, uns 10 ou 15 anos atrás –, pois só tem a Bíblia, o crucifixo. Mas a gente está aqui.

Resistência, sempre! Nessa resistência, tem uma mulher negra que me representa, que estava sempre comigo na caminhada – mesmo já tendo brigado muito com ela para que me ajudasse –, Olívia Santana, minha grande companheira.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

E agora o anfitrião, o deputado Jacó, que foi o mentor deste projeto, desta agregação. Começou no seu gabinete, para onde a gente levou as propostas, e ele foi ao gabinete da deputada Fátima Nunes, com a interferência do nosso grande amigo, irmão de axé, Roque Peixoto. Este momento é nosso.

Tem uma ou duas placas? Só tem a dele? E a sua? Você divide com ele?

Gratidão por ser negra, gratidão a Olorun, gratidão a todos vocês homenageados, gratidão à minha deputada estadual. Votei nela, de verdade. Não votei em você, não, ouviu, Jacó? Na verdade, meu voto foi de Olívia. Não podemos mentir. Gratidão. Obrigada, obrigada!

Essa placa vai com todo o meu coração, com todo o meu carinho, para o nosso deputado.

Deixem-me falar um detalhe: é o único gabinete macumbeiro. Todo mundo do gabinete de Jacó é de candomblé. Todos! E tem um baixinho... como é o nome do baixinho, Roque? Eu e minha irmã botamos o nome dele “Pastor”. Ele é baixinho e iniciado em Oxalá. É pastor de Oxalá. O gabinete do deputado Jacó é igual ao do deputado Bira Corôa, que também nos acolheu.

Qualquer um de vocês pode procurar. Estou falando isso porque fui acolhida lá. Não desmerecendo os outros, mas Jacó está para todos nós. O gabinete de Jacó é macumbeiro. É um terreiro disfarçado. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jacó Lula da Silva): Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, de todas e todos. Queria registrar a nossa alegria e a nossa satisfação de abrir o ano nesta Casa com esta sessão especial maravilhosa, ao lado da companheira Fátima Nunes e, também, da deputada Olívia, que chegou aqui para abrilhantar. Foi um evento maravilhoso. Agradeço a todos e todas.

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.